



Gustavo Henrique Cepolini Ferreira  
(Organizador)

# Geografia, Políticas e Democracia 3

**Atena**  
Editora

Ano 2019



Gustavo Henrique Cepolini Ferreira  
(Organizador)

# Geografia, Políticas e Democracia 3

**Atena**  
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
G345	Geografia, políticas e democracia 3 [recurso eletrônico] / Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Geografia, Políticas e Democracia; v. 3)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-720-8 DOI 10.22533/at.ed.208191710  1. Geografia física. 2. Geografia – Estudo e ensino. I. Ferreira, Gustavo Henrique Cepolini. II. Série.  CDD 910.02
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

Atena  
Editora

Ano 2019

## APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que apresento a Coletânea intitulada – “Geografia: Políticas e Democracia – volume 3”, cujo título apresenta inúmeras possibilidades, e, sobretudo, provocações ao construirmos e desconstruirmos uma Geografia para o século XXI. Trata-se de uma leitura teórica e empírica oriunda de diferentes pesquisadores que dialogam com análises provenientes das diferentes subáreas da ciência geográfica e áreas afins.

Nesse sentido, ressalta-se a importância da pesquisa científica e os desafios hodiernos para o fomento na área de Geografia em consonância com a formação inicial e continuada de professores da Educação Básica.

A Coletânea está organizada a partir de diferentes enfoques temáticos, ou seja, reconhecendo as diferentes subáreas da Geografia, a saber: Ensino da Geografia, Geografia Urbana, História do Pensamento Geográfico e sua interface Econômica e Política, Geografia Econômica, Geografia Agrária e Regional conforme expresso nos nove capítulos que compõem a referida Coletânea.

Esperamos que as análises publicadas nessa Coletânea da Atena Editora propiciem uma leitura crítica e prazerosa, assim como despertem novos e frutíferos debates geográficos para desvendar os caminhos e descaminhos da realidade brasileira, latino-americano e mundial na emergência de práticas democráticas.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
O CURRÍCULO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA NAS ESCOLAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	
Ana Carolina de Figueiredo Azevedo Ana Claudia Ramos Sacramento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2081917101</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
MINHA CASA... E A VIDA? OS SERVIÇOS E EQUIPAMENTOS PÚBLICOS NOS CONJUNTOS HABITACIONAIS DO PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA NA CIDADE DE JOÃO PESSOA-PB	
Rayssa Bernardino de Lacerda Maria de Lourdes Soares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2081917102</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
INADAPTAÇÕES NA FRONTEIRA DA INFORMALIDADE: FAVELAS E CONJUNTOS	
Tales Lobosco	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2081917103</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>38</b>
MICROALGAS: UMA OPORTUNIDADE PARA MELHORAR OS INDICADORES DE SANEAMENTO NO BRASIL	
Renan Barroso Soares Rodrigo Nunes Oss Márcio Ferreira Martins Ricardo Franci Gonçalves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2081917104</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>49</b>
A GEOGRAFIA REGIONAL EM RICHARD HARTSHORNE	
Wesley de Souza Arcassa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2081917105</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>60</b>
ADVENTURE-TIME: O CRONOTOPO NO ESPÍRITO DO NEOLIBERALISMO DE HAYEK, KEYNES E MISES	
Marcus Antonio de Lyra Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2081917106</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>77</b>
A TERRITORIALIZAÇÃO DOS BANCOS EM PORTUGAL: UMA ANÁLISE PRELIMINAR	
Diego Paschoal de Senna Sandra Lúcia Videira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2081917107</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>88</b>
A FEIRA DE NOVA CRUZ/RN: UMA TRADIÇÃO COMERCIAL DE EXPRESSÃO REGIONAL	
Severino Alves Coutinho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2081917108</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>99</b>
A PRODUÇÃO ARTESANAL DA RAPADURA: UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA BASEADA NA COMUNIDADE RURAL JOÃO MOREIRA, SÃO JOÃO DA PONTE - MG	
Gustavo Henrique Cepolini Ferreira	
Tayne Pereira da Cruz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2081917109</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>113</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>114</b>

## A GEOGRAFIA REGIONAL EM RICHARD HARTSHORNE

**Wesley de Souza Arcassa**

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
(IBGE)

Fundação Educacional de Penápolis (FUNPEP)  
Penápolis – SP

**RESUMO:** A moderna concepção de Geografia tem sua base em estudos desenvolvidos por Immanuel Kant no século XVIII, os quais foram posteriormente aprofundados por outros geógrafos. Entretanto, no final do século XIX e início do século XX, há um resgate e uma melhor difusão das ideias de Kant por meio do movimento que ficou conhecido como neokantismo, este teve em Alfred Hettner uma das figuras de maior destaque. A partir da segunda metade da década de 1920, emerge no meio acadêmico norte-americano o geógrafo Richard Hartshorne, responsável pela difusão e análise dos conceitos kantianos e hettnerianos a nível internacional. Tendo como base esta ideia, o trabalho em questão tem como objetivo analisar um aspecto central da produção hartshorniana, sua concepção de Geografia Regional, além de evidenciar os avanços prestados neste campo do saber científico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Richard Hartshorne; Geografia Regional; História do Pensamento Geográfico.

### THE REGIONAL GEOGRAPHY IN RICHARD HARTSHORNE

**ABSTRACT:** The modern conception of Geography is based in studies developed by Immanuel Kant in the eighteenth century, which were subsequently deepened by other geographers. However, in the late nineteenth century and early twentieth century, there is a rescue and a better diffusion of the ideas of Kant through what became known as Neo-Kantianism, this had in Alfred Hettner one of the most prominent figures. From the second half of the 1920s, emerged in the North American academia the geographer Richard Hartshorne, responsible for dissemination and analysis of Kant's and Hettner's concepts internationally. Based on this idea, the work in question objective analyze a central aspect of the Hartshornian production, your conception of Regional Geography, beyond evidence the advances implemented in this field of scientific knowledge.

**KEYWORDS:** Richard Hartshorne; Regional Geography; History of Geographical Thought.

### 1 | INTRODUÇÃO

A moderna concepção de Geografia tem sua base em estudos desenvolvidos por Immanuel Kant (1724-1804) no século XVIII, os

quais foram posteriormente aprofundados por outros geógrafos. Entretanto, no final do século XIX e início do século XX, há um resgate e uma melhor difusão das ideias de Kant por meio do movimento que ficou conhecido como neokantismo, este teve em Alfred Hettner (1859-1941) uma das figuras de maior destaque.

Apartir da segunda metade da década de 1920, emerge no meio acadêmico norte-americano o geógrafo Richard Hartshorne (1899-1992), responsável pela difusão e análise dos conceitos kantianos e hettnerianos a nível internacional. Sua obra teve grande impacto na Geografia, pois foi capaz de realizar o que até então não havia sido produzido nessa ciência, estudos de cunho epistemológico e metodológico, além de desenvolver uma sistematização de significativa parcela das teorias produzidas pelos “autores clássicos” desse ramo do saber científico.

Nesse sentido, o trabalho em questão, fruto de pesquisas em nível de doutorado com ênfase na área de História do Pensamento Geográfico, objetiva desenvolver uma apreciação de um aspecto central da produção acadêmica hartshorniana, sua concepção de Geografia Regional, embasada principalmente no que consiste ao estabelecimento do conceito de “diferenciação de área” e da difusão do método corológico/regional, além de evidenciar os avanços prestados nesse campo da ciência geográfica.

## 2 | METODOLOGIA

Como princípio metodológico norteador para a elaboração do presente trabalho utilizou-se principalmente o levantamento de bibliografias concernentes à temática, oriundas de diferentes fontes e suportes. Isso porque, o trabalho realiza uma análise essencialmente teórica do assunto nele abordado.

Em contrapartida ao estudo dos principais aspectos da Geografia Regional na obra hartshorniana faz-se necessário também compreender o período histórico no qual se insere o autor, o que denota a utilização de um arcabouço metodológico advindo da História da Ciência.

Os produtos finais obtidos no estudo objetivam servir de respaldo para a execução de análises e estudos futuros em relação às temáticas: Richard Hartshorne; Geografia Regional; História do Pensamento Geográfico; e, Escola Norte-Americana de Geografia.

## 3 | A CONCEPÇÃO HARTSHORNIANA DE REGIÃO

A palavra região deriva do latim *regere*, palavra composta pelo radical *reg*, que deu origem a outras palavras como regente, regência, regra etc. *Regione* nos tempos do Império Romano era a denominação utilizada para designar áreas que, ainda que dispusessem de uma administração local estavam subordinadas às regras gerais

e hegemônicas das magistraturas sediadas em Roma. Alguns filósofos interpretam a emergência deste conceito como uma necessidade de um momento histórico em que, pela primeira vez, surge de forma ampla, a relação entre a centralização do poder em um local e a extensão dele sobre uma área de grande diversidade social, cultural e espacial (GOMES, 2006, p. 50).

Na concepção de Paul Vidal de La Blache *apud* Gomes (2006, p. 57), “a região é uma realidade concreta, física, ela existe como um quadro de referência para a população que aí vive. Enquanto realidade, esta região independe do pesquisador em seu estatuto ontológico”. Dessa forma, cabe ao geógrafo desvendar, desvelar, a combinação de fatores responsável por sua configuração única.

Na Alemanha, que junto à França foi, desde o final do século XIX, o grande foco produtor de uma reflexão geográfica, o maior defensor de uma Geografia Regional, como síntese do trabalho geográfico foi Alfred Hettner. Este geógrafo acreditava que o método das ciências humanas não poderia se comparar àqueles recomendados pelo domínio do positivismo clássico, dominante nas ciências físicas e matemáticas e que pretendia ser o único método efetivamente científico.

Na perspectiva corológica de Hettner, dificilmente a Geografia poderia estabelecer estes padrões de generalização. O princípio da “diferenciação de áreas” conduz irremediavelmente a estabelecer o conhecimento regional como produto supremo do conhecimento geográfico. Ainda segundo Hettner, não havia dicotomia entre uma geografia geral e uma particular, visto que a região seria o objeto que resguardaria o campo mais sistemático do perigo objetivista. Assim, através da região, a Geografia garantiria um objeto próprio, um método específico e uma interface particular entre a consideração dos fenômenos físicos e humanos combinados e considerados em suas diferenças locais. (GOMES, 2006, p. 59).

Hettner, de tradição kantiana, definiu a Geografia em termos corológicos, acreditando que a importância da disciplina foi mantida por sua abordagem regional, em vez de sua área de assunto, sendo a síntese sua maior força. Essa concepção serve de base para um período da Geografia Regional descrito por Warf (2006) como *Diferenciação de Área*.

A versão americana da Geografia Regional atingiu o seu ápice no período entre as duas guerras mundiais com a ascensão da escola denominada de *diferenciação de área, corológica* ou *descrição regional*. Seu principal teórico foi Richard Hartshorne com a publicação do seminal *The Nature of Geography* (1939). Baseado na perspectiva de Hettner, sob a ótica do pensamento kantiano, Hartshorne realizou uma série de reivindicações sobre a Geografia Regional como núcleo da disciplina geográfica, ocupando lugar singular dentro da divisão acadêmica do trabalho.

A Geografia, como a História, foi sintética, integrando a análise de diferentes fenômenos como eles se manifestam em combinações únicas em locais específicos. As regiões permitiram a análise tanto dos fenômenos humanos como dos fenômenos físicos, transcendendo o cisma crescente entre estas duas partes da disciplina. Devido à complexidade do mundo, Hartshorne defendeu o estudo de

pequenas regiões com variação interna relativamente pequena, acumulando assim um mosaico que englobaria áreas maiores. (WARF, 2006, p. 406).

Corroborando com a posição hettneriana, em clara oposição a concepção lablachiana, Hartshorne (1939) define que a região não é uma realidade evidente, dada, a qual caberia apenas ao geógrafo descrever. A região é um produto mental, uma forma de ver o espaço que coloca em evidência os fundamentos da organização diferenciada do espaço. Assim, a categoria região representa a síntese das complexas relações entre a Geografia Física e Humana, sendo, ao mesmo tempo, o campo empírico de observação e o campo da verificação das relações gerais. A partir de um método regional, a dicotomia sistemático/particular desaparece em uma espécie de complementaridade compreendida na noção de região.

Conforme as explicações de Gomes (2003, p. 240):

[...] o criticismo de Hartshorne, legado de Kant e Hettner, busca a generalização através do estabelecimento de conceitos claros e objetivos. O mais importante é, sem dúvida alguma, o de região. Este conceito está na base da concepção científica da diferenciação espacial e, a partir de sua definição, a Geografia pode desenvolver um método regional fundado na análise comparativa das estruturas espaciais.

A região enquanto instrumento de identificação territorial do geógrafo é, de acordo com Hartshorne, um objeto individual; a realidade existente, não-conceitualizada, é sempre única, pois há uma dimensão incontornável de singularidade que não pode ser esquecida. Dessa maneira, as regiões são caracterizadas por sua homogeneidade quanto a características preestabelecidas, selecionadas em função de sua relevância no esclarecimento das diferenças de áreas. Para o autor (1939, p. 616), dois tipos de região podem ser identificados: “a *região formal* (ou região uniforme), na qual toda a área é homogênea quanto ao fenômeno ou fenômenos considerados; e, a *região funcional ou nodal*, na qual a unidade é conferida pela organização em torno de um nó comum, que pode ser a área-núcleo de um Estado, ou uma cidade no centro de uma área de relações comerciais”.

Por conseguinte, pode-se dizer que quando Hartshorne (1978) discute o conceito de região, afirma que esta categoria da Geografia não existe por si mesma e que por isso o pesquisador (geógrafo) não procede à sua identificação e nem a reconhece; o que existe é a realidade a ser examinada e compreendida. Para o autor, as regiões são apenas ferramentas e, seguindo a linha de pensamento de Kant e Hettner, sustenta que as regiões são apenas construções mentais, isto é, simplificações do mundo que a mente usa para impor um ordenamento espacial.

#### 4 | AS INOVAÇÕES EMPREENDIDAS NO CAMPO DA GEOGRAFIA REGIONAL

Nitidamente influenciado pelas concepções kantianas e hettnerianas, Richard

Hartshorne procurou desenvolver reflexões sobre a epistemologia, natureza e aspectos metodológicos da Geografia. Para Andrade (1987, p. 79), em dois livros, *A Natureza da Geografia* (1939) e *Propósitos e Natureza da Geografia* (1959), Hartshorne desenvolve as teses dos mestres alemães (Kant-Hettner) a quem seguiu, e especula sobre a análise das inter-relações entre os fenômenos, admitindo duas formas de estudá-los: ou partir do particular, da região, quando se fazia a Geografia a que chamou de Idiográfica, ou de forma generalizadora, aquilo que se considera como Geografia Geral, ao se fazer o que denominava Geografia Nomotética. Assim, Hartshorne sem romper com o pensamento mais ligado à Geografia Clássica, já representa um papel de transição no “horizonte geográfico”.

De acordo com as reflexões de Moraes (2003), um aspecto de relevante importância no pensamento hartshorniano consiste no fato de que este propõe novas formas de estudo à ciência geográfica, representadas pela Geografia Idiográfica e Geografia Nomotética, resgatando e ampliando as concepções neokantianas. A primeira representa uma análise singular (de um só lugar) e unitária (que tenta apreender vários elementos), o que leva a um reconhecimento bastante profundo de determinado local. Já a segunda, expressa uma análise que deve ser generalizadora, apesar de parcial. Neste tipo de estudo, o pesquisador deve parar na primeira integração e reproduzi-la em outros lugares, objetivando elaborar um “padrão de variação” dos fenômenos tratados, abrindo a possibilidade de um conhecimento genérico. Dessa forma, Hartshorne articulou a Geografia Geral e a Geografia Regional, diferenciando-as pelo nível de profundidade de suas colocações. Quanto maior a simplicidade de fenômenos e relações tratados, maior a possibilidade de generalização. Quanto mais profunda a análise efetuada, maior conhecimento da singularidade local. Esta proposta foi amplamente discutida na Geografia, pois abriu novas perspectivas ao estudo geográfico.

Hartshorne, inspirado pela classificação das ciências de Kant, sugere uma separação entre as ciências sistemáticas de um lado e de outro — a Geografia e a História. O campo sistemático das ciências naturais está mais próximo do modelo nomotético, enquanto as ciências sociais, pelo caráter único dos fenômenos que estudam (os mesmos fatos não se repetem na história; uma montanha, ou um rio nunca é igual a outro) se identificam muito mais ao modelo idiográfico. Todas as disciplinas, no entanto, segundo Hartshorne devem fazer apelo aos dois procedimentos — nomotético e idiográfico — a ciência, aliás, costuma proceder do particular ao geral. Ele reconhece, pois a necessidade de estabelecer esquemas gerais em todos os campos científicos, inclusive na Geografia. Entretanto, uma grande parte dos fenômenos observados pela Geografia possui um caráter singular e uma localização única. Desta maneira, a despeito do fato de que a meta fundamental da Geografia deva ser o estabelecimento de uma classificação global de regiões, em sistemas genéricos e específicos (a primeira, fruto de uma classificação comparativa; a segunda, uma síntese singular de localizações), estas regiões possuem sempre aspectos que são irreduzíveis a qualquer generalização. (GOMES, 2006, p. 60).

Para Hartshorne (1978), a Geografia é, ao mesmo tempo, uma ciência da

natureza e da sociedade. Afirma que a Geografia deve procurar compreender como os fenômenos se combinam em uma área da superfície terrestre. Seguindo o pensamento de Hettner, Hartshorne considera que não há um grupo de fenômenos particulares à Geografia, pois interessam a esta ciência todos os fenômenos que apresentam uma dimensão espacial.

Desse modo, a Geografia consiste em

[...] uma ciência que interpreta as realidades da diferenciação de áreas do mundo, tais como elas são encontradas, não somente em termos das diferenças de certos elementos de lugar para lugar, mas também em termos da combinação total dos fenômenos em cada lugar, diferente daquelas que se verificam em cada um dos outros lugares. (HARTSHORNE, 1939, p. 462, tradução nossa).

Segundo o autor (1978), a Geografia se constitui em uma disciplina que procura descrever e interpretar o caráter variável da Terra, de lugar a lugar, como o mundo do homem. Esta descrição científica deve incluir tanto o que se sabe, quanto o que pode ser inferido, quer dos fenômenos, quer das relações de processos e associações de fenômenos.

Na concepção de Hartshorne (1939), a Geografia

[...] procura adquirir um conhecimento completo da diferenciação por áreas do mundo e, portanto, discriminar os fenômenos que variam em diferentes partes do mundo somente em termos de sua significação geográfica — isto é, em sua relação com a diferenciação total de áreas — não necessariamente em termos da extensão física sobre a terra, mas como uma característica de uma de extensão mais ou menos definida. (HARTSHORNE, 1939, p. 463, tradução nossa).

De acordo com este ponto de vista, o principal objetivo do estudo geográfico é a síntese, uma integração de características relevantes, com vistas a fornecer uma descrição total de um lugar (uma região) que é identificável por sua combinação particular dessas características. Há, então, de acordo com Hartshorne (1939, p. 460), uma íntima analogia entre a Geografia e a História; a última fornece uma síntese das “seções temporais da realidade”, enquanto a primeira realiza uma tarefa similar para as “seções espaciais da superfície terrestre”.

A crosta da Terra, que constitui o objeto de estudo da Geografia, é um complexo de várias integrações de uma larga multiplicidade de fenômenos, inter-relacionados numa grande diversidade de maneiras. Do ponto de vista de outras ciências, ou da Filosofia, é útil classificar esses fenômenos, em diferentes maneiras. A Geografia, procurando analisar a complexidade dos fenômenos que se integram na realidade, cuida de examinar as relações que existem entre os fenômenos, de quaisquer tipos, que se revelem significantes na integração total. Em muitos casos, tais relações poderão ser as que se observam entre fenômenos humanos e não humanos, ao passo que em outros elas se verificam entre fenômenos animados (humanos e não humanos) e inanimados, ou entre fenômenos visíveis e invisíveis, ou entre fenômenos materiais e imateriais. Mas nenhuma dessas dicotomias é logicamente mais significativa do que as outras para a Geografia. Em cada caso, a natureza particular dos fenômenos é que determina as relações. (HARTSHORNE, 1978, p. 68).

As explicações de Lencioni (2003) demonstram que para Hartshorne não há fenômenos particulares à Geografia, assim como também não há um objeto de estudo que lhe seja específico. Para ele, as ciências se definem, sobretudo, por seus métodos próprios de investigação, e menos segundo a determinação de objetos particulares de estudo.

Perseguindo as trilhas de Kant e Hettner, Hartshorne considera que para a compreensão do presente é necessária à perspectiva histórica, contudo observa que essa perspectiva não se confunde com a Geografia. Afirma que não cabe à Geografia investigar a gênese e desenvolvimento dos fenômenos. O olhar do geógrafo deve estar dirigido para a apreensão do caráter das áreas, não se confundindo com o olhar do historiador, interessado nos processos em si. Acima de tudo, diz que cabe ao geógrafo entender a diferenciação das áreas da superfície terrestre. (LENCIONI, 2003, p. 126).

Hartshorne (1939) demonstra que desde Kant, passando por Humboldt e Ritter, a Geografia teria se caracterizado por ser o estudo das diferenças regionais. Este é, pois, o traço distintivo que marca a natureza da Geografia e a ele deve-se ater. O método corológico/regional, ou seja, o ponto de vista da Geografia, de procurar na distribuição espacial dos fenômenos a caracterização de unidades regionais, é a particularidade que identifica e diferencia a Geografia das demais ciências. Há outros campos que estudam os mesmos fenômenos, mas só a Geografia tem esta preocupação primordial com a distribuição e a localização espacial e este ponto de vista é o elemento-chave na definição de um campo epistemológico próprio à Geografia.

O método corológico/regional, segundo Hartshorne (1939; 1978), orienta a Geografia em direção à reunificação de seu campo de pesquisas físicas e humanas, pois a região é a síntese destas relações complexas. Os fatores humanos e naturais não têm que ser identificados separadamente — qualquer insistência anterior nessa direção ocorreu em função dos argumentos dos deterministas ambientais — e a divisão entre Geografia Humana e Geografia Física é infeliz, porque ela limita a esfera de integrações possíveis no estudo da realidade.

Em suma, para Hartshorne (1978), a Geografia não pode ser considerada como dividida em estudos que analisam elementos individuais através do mundo, e estudos que analisam complexos totais de elementos, por áreas. Aqueles constituem, logicamente, parte integrante das ciências sistemáticas respectivas, ao passo que estes simplesmente são irrealizáveis. Todos os estudos de Geografia analisam as variações espaciais e as conexões de fenômenos em integração. Não existe dicotomia ou dualismo. Pelo contrário, verifica-se uma gradação ao longo de um *continuum*, desde os estudos que analisam os complexos mais elementares em variação espacial através do mundo, até os que analisam as mais complexas integrações em variação espacial dentro dos limites de áreas reduzidas. Os primeiros podem ser adequadamente denominados “estudos tópicos” e os segundos, “estudos regionais”,

desde que nos lembremos de que todo e qualquer estudo verdadeiramente geográfico envolve o emprego de ambos os critérios, o tópico e o regional.

A grande maioria dos geógrafos reconhece que o mundo não é um mosaico de regiões distintas, e que não podemos esperar classificar as integrações mais complexas dos fenômenos espaciais num único sistema objetivo de regiões. Não obstante, esses geógrafos admitem que é necessário, a fim de analisar as integrações complexas em termos de uma limitada amplitude de variações espaciais, dividir as grandes áreas em parcelas menores. A finalidade de dividir-se uma área é obter seções de áreas, ou “regiões”, de tal forma que, dentro dos limites de cada região, os elementos do segmento de integração que for objeto de estudo demonstrem apresentar inter-relações quase constantes e o máximo grau de interconexões entre os lugares, ao passo que a descontinuidade nesses dois aspectos ocorrerá principalmente ao longo das linhas divisórias das diversas regiões. Quanto mais complexo o segmento de integração que for estudado, maior será o grau de divisão das áreas. Por conseguinte, conforme observou Preston James, o “conceito regional” e o “método regional” não devem ser confundidos com o que comumente denominamos “Geografia Regional”. Efetivamente, o conceito regional é aplicável, e o método regional utilizável, em qualquer nível de estudos geográficos, ao longo de um *continuum* que começa pela análise das integrações mais elementares (a abordagem tópica extrema) até chegar à integração máxima (a abordagem regional extrema). (HARTSHORNE, 1978, p. 137).

O contraste expresso pelos termos Geografia Sistemática ou Geografia Geral, em oposição a Geografia Regional, não consiste para Hartshorne (1978) na divisão da Geografia em duas partes. Igualmente não se trata de uma oposição entre dois métodos distintos de investigação, a serem empregados separadamente cada um deles em determinadas pesquisas. Qualquer que seja a extensão da área estudada interessa analisar uma integração de fenômenos extremamente complexa que varia conforme as áreas, de maneira também altamente complexa. Para decompor essa dupla complexidade de maneira mais viável, é necessário, em qualquer pesquisa geográfica, empregar dois diferentes métodos de análise em grau variável e alternadamente: análises de segmentos de integração e análises de seções de áreas.

Decompomos a complexidade total da integração formada pelos fenômenos inter-relacionados no mesmo lugar, e interligados entre vários lugares, pela divisão tópica em segmentos, cada qual consistindo em uma integração menos complexa e mais íntima. E decompos a complexidade da variação espacial pela divisão regional em unidades de áreas, cada qual incluindo uma amplitude restrita nas variações do segmento de integração que for objeto de estudo, e uma interconexão mais estreita dos fenômenos, de lugar a lugar. Quanto maior o grau de divisão tópica, menor grau de divisão regional será necessário. E com a crescente complexidade dos segmentos tópicos, mais longe deverá ser levada a divisão regional (isto é, em maior número de unidade). Os estudos geográficos não se dividem em dois grupos, mas se distribuem ao longo de um *continuum* gradual, a partir dos estudos tópicos de integração mais elementar, num extremo, até os estudos regionais da mais completa integração, no outro extremo. (HARTSHORNE, 1978, p. 152).

Por conseguinte, os dois métodos de abordagem se utilizam do critério regional, isto é, da divisão em seções da área total que for objeto de estudo, cada uma das quais possuindo um grau máximo de unidade, quer de caráter, quer de organização

coerente, ou ainda, de uma e outra coisa. No entanto, se estiver sendo utilizado, em um dado momento, o critério tópico ou o critério regional, podem ser aplicados da maneira mais eficiente diferentes conceitos de regiões.

Hartshorne empreende uma inovação epistemológica com relação à abordagem da questão do método nas pesquisas de cunho geográfico. Através da utilização em seus estudos de um método com bases empírico-indutivas, o autor rejeita e supera os métodos até então empregados na Geografia, além de também demonstrar sua constante preocupação em relação à estruturação de uma metodologia própria dessa ciência.

Por último, cabe lembrar que através do resgate do pensamento de Hettner e, conseqüentemente, das ideias de Kant, Hartshorne foi capaz de evidenciar a problemática do uso do método na ciência geográfica, propiciando um avanço teórico a este ramo do saber científico. Para Claval (1981), a exploração histórica empreendida por este geógrafo demonstrou para a maioria da comunidade científica geográfica até então determinista, e também para as gerações posteriores de geógrafos, que a Geografia se diferencia da maioria das demais disciplinas pelo fato de que consiste, sobretudo, em uma ciência-método.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das temáticas enfocadas durante o texto torna-se possível inferir que Richard Hartshorne ocupa um papel de destaque no *hall* de pensadores responsáveis por significativas mudanças teórico-metodológicas na Geografia.

A versão americana da Geografia Regional atingiu o seu ápice no período entre guerras com a ascensão da escola denominada de *diferenciação de área, corológica* ou *descrição regional*, tendo em Hartshorne seu principal teórico. Baseado na perspectiva de Hettner, sob a ótica do pensamento kantiano, o teórico realizou uma série de reivindicações sobre a Geografia Regional como núcleo da disciplina geográfica, ocupando lugar singular dentro da divisão acadêmica do trabalho.

Partindo do conceito de “região”, Hartshorne foi capaz de conceber o processo de diferenciação espacial, o qual serviu de base para a elaboração do método corológico/regional fundado na análise comparativa das estruturas espaciais. O estabelecimento desse método visou orientar a Geografia em direção à reunificação de seu campo de pesquisas físicas e humanas, pois a região é a síntese destas relações complexas. Dessa forma, a dicotomia sistemático/particular desaparece em uma espécie de complementaridade compreendida na noção de região. Para o teórico, uma Geografia científica deve se definir a partir de um método, para assim, proceder à análise racional da realidade, organizando categorias gerais e tipologias funcionais explicativas.

No campo da Geografia Regional, Hartshorne afirmou que a Geografia pode ser considerada uma ciência da diferenciação regional da superfície terrestre. Através

da proposição de uma Geografia Idiográfica e Nomotética, este teórico foi capaz de articular a Geografia Regional à Geografia Geral, bem como superar aspectos dicotômicos desse ramo do conhecimento.

A Geografia procura, (1) com base na observação empírica, tão independente quanto possível da parte do observador, descrever os fenômenos com o máximo de exatidão e de certeza; (2) fundamentada nisso, classificar os fenômenos, o quanto seja permitido pela realidade, em termos de conceitos genéricos, ou “universais”; (3) através da consideração racional dos fatos, assim assegurada, e pelos processos lógicos de análise e de síntese, incluindo-se aí a construção e uso, onde possível, dos princípios gerais ou leis de relações genéricas, para atingir a compreensão máxima das inter-relações científicas dos fenômenos; e, (4) organizar esses resultados em sistemas ordenados de modo que o que é conhecido conduza diretamente às margens do desconhecido. (HARTSHORNE, 1978, p. 169-170).

Por fim, deve-se ressaltar que ao desenvolver suas reflexões sobre a natureza da Geografia como ciência, Hartshorne tornou-se o teorizador mais importante da Escola Clássica Norte-Americana de Geografia, sendo que sua produção acadêmica encontrou repercussão, dado o seu caráter amplo e explicitamente metodológico. Este foi responsável por realizar uma modernização no arcabouço teórico da Geografia Clássica, sendo capaz de manter a essência da busca de um conhecimento unitário. Através da publicação de *The Nature of Geography* (1939) e *Perspective on the Nature of Geography* (1959), o autor transformou o debate teórico-metodológico até então desenvolvido no âmbito da ciência geográfica.

## REFERÊNCIAS

CAPEL, Horacio. **Filosofia y Ciencia en la Geografía Contemporánea**: uma introducion a la Geografía. 2. ed. Barcelona: Barcanova, 1983.

CLAVAL, Paul. **Evolución de la Geografía Humana**. 2. ed. Barcelona: Oikos-Tau, 1981.

ENTRIKIN, J. Nicholas; BRUNN, Stanley D. **Reflections on Richard Hartshorne's The Nature of Geography**. Washington: Association of American Geographers, 1989.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. O Conceito de Região e sua Discussão. In: CASTRO, Iná Elias de; CORRÊA, Roberto Lobato; \_\_\_\_\_ (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

GREGORY, Derek [et al.] (Org.). **The Dictionary of the Human Geography**. 5. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

GUELKE, Leonard. Geografia Regional. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982.

HARTSHORNE, Richard. On the Mores of Methodological Discussion in American Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 38, n. 2, 1948. p. 113-125.

- \_\_\_\_\_. On the Concept of Areal Differentiation. **Professional Geographer**, v. 14, 1962. p. 339-342.
- \_\_\_\_\_. **Propósitos e Natureza da Geografia**. São Paulo: Hucitec / Editora da Universidade de São Paulo, 1978.
- \_\_\_\_\_. The Character of Regional Geography. In: AGNEW, John A.; LIVINGSTONE, David J.; ROGERS, Alisdair. **Human Geography: an essential anthology**. Oxford: Wiley-Blackwell, 1996. p. 388-397.
- \_\_\_\_\_. The Nature of Geography: A Critical Survey of Current Thought in the Light of the Past. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 29, n. 3 e 4, 1939. p. 173-658.
- JOHNSTON, Ronald J. **Geografia e Geógrafos: a Geografia humana anglo-americana desde 1945**. São Paulo: DIFEL, 1986.
- LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- MENDOZA, Josefina Gómez; JIMÉNEZ, Julio Muñoz; CANTERO, Nicolás Ortega. **El Pensamiento Geográfico**. 2. ed. Madrid: Alianza, 2002.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 19. ed. São Paulo: Annablume, 2003.
- MOREIRA, Ruy. **O Pensamento Geográfico Brasileiro: as matrizes clássicas originárias**. São Paulo: Contexto, 2008. v. 1.
- SANTOS, Douglas. **A Reinvenção do Espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 2002.
- UNWIN, Tim. **El Lugar de la Geografía**. Madrid: Cátedra, 1995.
- WARF, Barney. **Encyclopedia of Human Geography**. London: SAGE, 2006.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**Gustavo Henrique Cepolini Ferreira** - Graduado em Geografia (Bacharelado e Licenciatura) pela PUC-Campinas, Mestre e Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorando em Geografia – USP. Atualmente é Professor do Departamento de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGeo na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), onde coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas Regionais e Agrários (NEPRA-UNIMONTES) e o Subprojeto de Geografia - "Cinema, comunicação e regionalização" no âmbito do PIBID/CAPES. Exerce também a função de Coordenador Didático do Curso de Bacharelado em Geografia - UNIMONTES. Tem experiência na área de Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: Geografia Agrária, Regularização Fundiária, Amazônia, Ensino de Geografia, Educação do Campo e Conflitos Socioambientais e Territoriais. Participação como avaliador no Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD de Geografia e no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), vinculado ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). É autor e organizador das seguintes obras: *No chão e na Educação: o MST e suas reformas* (2011), *Neoliberalismo, Agronegócio e a Luta Camponesa no Brasil* (2011), *Cenas & cenários geográficos e históricos no processo de ensino e aprendizagem* (2013), *Agroecologia, Alimentação e Saúde* (2014), *Gestão Ambiental* (2015), *Práticas de Ensino: Teoria e Prática em Ambientes Formais e Informais* (2016), *Geografia Agrária no Brasil: disputas, conflitos e alternativas territoriais* (2016), *Geografia Agrária em debate: das lutas históricas às práticas agroecológicas* (2017), *Atlas de Conflitos na Amazônia* (2017), *Serra da Canastra território em disputa: uma análise sobre a regularização fundiária do Parque e a expropriação camponesa* (2018), *Conflitos e Convergências da Geografia - Volumes 1 e 2* (2019), *Geografia Agrária* (2019), entre outras publicações. E-mail: gustavo.cepolini@unimontes.br

## ÍNDICE REMISSIVO

### B

Bancos 77, 78, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 93

### C

Campesinato 99, 106, 109

Cronotopo 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 73, 74

Currículo 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12

### D

Direito à cidade 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 22, 23

Direito à moradia digna 13, 14, 15, 22, 23

Discurso 60, 61, 64, 68, 69, 72, 73, 74

### E

Ensino de geografia 1, 5, 8, 11, 12, 113

Esgoto 22, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 48

### F

Favela 25, 26, 28, 30, 32, 33, 37

Feira 83, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98

### G

Geografia financeira 77, 78

Geografia regional 49, 50, 51, 52, 53, 56, 57, 58

### H

História do pensamento geográfico 49, 50

### I

Ideologia 11, 60, 74

### L

Lagoa 38, 93

### M

Microalgas 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45

Modernidade 25, 26, 33, 37, 58, 64, 89

### N

Neoliberalismo 60, 61, 74, 113

Norte de Minas Gerais 99, 106, 107, 112

Nova Cruz 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98

## **P**

Política 4, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 60, 61, 62, 64, 66, 70, 71, 73, 75, 76, 89, 95

Portugal 77, 78, 81, 82, 83, 84, 85, 86

Prática pedagógica 1, 3, 5, 6, 7, 8, 11, 12

Produção do espaço 19, 25, 26, 36, 37

Programa Minha Casa Minha Vida 13, 14, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24

## **R**

Rapadura artesanal 99

Richard Hartshorne 49, 50, 51, 52, 57, 58

## **S**

Saneamento 18, 38, 39, 40, 45, 46, 47

Serviços e equipamentos públicos 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23

## **T**

Tradição 51, 88, 91, 92, 94, 97, 105

## **U**

UASB 38, 39, 40, 42, 44, 45, 48

Urbanização 25, 30, 98

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-720-8



9 788572 477208